

Uma tarefa para as Forças Armadas

Na breve visita do presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, à Colômbia, na véspera da abertura da reunião dos 12 presidentes sul-americanos em Brasília, foi lançado o polêmico plano de luta antidrogas do governo colombiano de Andrés Pastana, com forte apoio militar norte-americano. A iniciativa deixou as autoridades brasileiras de orelha em pé, a ponto de levar o chanceler Luiz Felipe Lampréia a adotar uma posição cautelosa e preocupada. "Acreditamos que haverá uma intensificação do conflito a partir de janeiro, e isso representa uma ameaça para o território brasileiro", disse ele ao jornal argentino *Clarín*.

De fato, há, além dessa, outras ameaças do lado de lá – mas perigosamente prontas para atravessarem para o lado de cá – das fronteiras nacionais da Amazônia brasileira, relacionadas pelo embaixador Antonio Amaral De Sampaio, no artigo publicado na página 2 do **Estado de S. Paulo** de ontem: "Agentes do crime organizado multinacional, empenhados em criar vias de acesso aos narcóticos andinos em demanda dos mercados consumidores do Hemisfério Norte, e contrabandistas estrangeiros interessados em se apossar das riquezas da biodiversidade florestal."

Mas convém anotar que, como fica claro na enumeração do artigo, mais numerosas e

graves do que as externas são as ameaças internas à paz na Região Amazônica, adequadamente definida por ele como sendo "exemplo do abandono provocado pela antiga inoperância estatal" e que compõe um quadro, cujos elementos são: os abusos das ONGs apátridas; a devastação por madeireiros sem escrúpulos; a poluição dos rios por garimpeiros clandestinos e pela ação sem controle das mineradoras; a grilagem de terras por aventureiros; e o proselitismo de missionários de religiões de aluguel em tribos indígenas com o objetivo, só na aparência "politicamente correto", de aumentar cada vez mais a extensão das reservas indígenas demarcadas pelo governo.

A iminência do conflito na Colômbia e o drama descrito pelo diplomata no **Estado** estão dando ao governo brasileiro o pretexto decisivo para responder às dúvidas sobre o melhor papel institucional para nossas Forças Armadas. Urge reativar o Sivam em novos moldes – mais técnicos, menos políticos e sobretudo limpos – e substituir a inexplicável compra de porta-aviões por uma marinha fluvial, que, junto com o Exército e a Aeronáutica, seja capaz de garantir a paz e a segurança em nossa desprotegida Amazônia. Essa tarefa justificaria, sim, verbas orçamentárias para reequipar as Forças Armadas, que estão sucataadas.

Vigiar e assegurar a paz na Amazônia, que virou um valhacouto de bandidos de vários tipos, é uma bela missão para Exército, Marinha e Aeronáutica